



CHIMERICA

Nick Land

Trad. Kwok Yuen

Uma nova ordem mundial atinge os limites

“Durante quase 30 anos, tivemos duas Estratégias Globais trabalhando em uma moda simbiótica que criou um crescimento econômico virtuoso espiral. Infelizmente, as bases econômicas eram falhas e como consequência, o ciclo virtuoso terminou. Está agora no processo de reverter e se tornar um vicioso declínio econômico espiral”, escreve Gordon T. Long, em um post convidado no Zero Hedge. "Uma das estratégias é a estratégia mercantil Asiática. A outra é a estratégia monetária de reserva em Dólar”.

O sistema que Long vê se desvendar foi apelidado ‘Chimerica’ por Niall Ferguson e Moritz Schularick, em referência a besta híbrida mítica da antiguidade. A Chimérica surgiu através o acoplamento dinâmico das economias dos EUA e da China, dominando a onda de globalização no mundo da economia pós-comando. Isto serviu como um poderoso motor de desenvolvimento, espalhando prosperidade além do estreito enclave do “Primeiro Mundo” (euroamericano) e facilitando a implantação global de uma rede de tecnologias global, desde a computação pessoal e a telefonia móvel até a Internet. Nos últimos anos, no entanto, as suas características insustentáveis tornaram-se proeminentemente visíveis.

Despojada de seus fundamentos, a Chimérica equivalia a algo semelhante a um “acordo” político informal que promoveu simultaneamente o status internacional do dólar americano e a industrialização doméstica chinesa. O principal mecanismo financeiro foi a reciclagem dos excedentes comerciais chineses em títulos do Tesouro dos EUA, num processo que acentuou a competitividade chinesa (ao restringir a ascensão do Yuan) e suprimiu a inflação dos EUA (preservando a credibilidade do USD). Isto permitiu a expansão industrial chinesa avançar a uma velocidade muito maior do que o seu mercado interno poderia ter apoiado, ao mesmo tempo que fornece aos governos dos EUA a liberdade para executar uma política monetária cronicamente frouxa, imunizada contra a perspectiva do colapso da moeda. A indústria chinesa e o setor bancário dos EUA foram os beneficiários mais óbvios. Ambos prosperaram visivelmente.

Como escreveu Niall Ferguson em Novembro de 2008, nos primeiros dias da crise financeira mundial:

“No centro desta crise está o enorme desequilíbrio entre Os Estados Unidos, com o seu défice da balança corrente superior a 1 por cento do produto interno bruto mundial e o excedente de países que o financiam: os exportadores de petróleo, o Japão e Ásia emergente. Destes, a relação entre a China e a América se tornou crucial. Mais do que nada, caso contrário, tem sido a estratégia da China de acumulação de reserva de dólares que financiou o hábito da dívida da América. A poupança chinesa foi uma das principais razões do interesse de longo prazo dos EUA, as taxas permaneceram baixas e a farrá de empréstimos continuou. Agora que a era da alavancagem acabou, 'Chimérica' - a parceria entre o grande poupador e o grande gastador – é fundamental.”

Tendo atingido um estado de crise, a Chimérica parece certa de desbobinar.

Isto pode ocorrer através de um reequilíbrio medido que aumenta o consumo interno chinês, ao mesmo tempo que reduz o déficit dos EUA gastos, ou como uma desintegração confusa - envolvendo uma repentina contração de demanda, guerras cambiais e crescente recriminação mútua.

Seja qual for o resultado final, uma ordem mundial remodelada é um resultado inevitável – ou seja, de definição. Enquanto Ferguson protege suas apostas, Gordon Long enuncia uma previsão específica e sinistra, na qual o ciclo virtuoso da globalização quimérica inverte-se numa “espiral mortal” viciosa. Como “saturação da dívida” fecha a opção de continuidade política, as ações da Reserva Federal dos EUA tornam-se manifestamente ineficazes, autocontraditório e, em última análise, ineficientes. O tão adiado processo de destruição da moeda começa então para valer. Ofertas longas uma lista de verificação útil de marcos no caminho para a ruína (com base em financeira, passando pela econômica, até a calamidade política):

1. Dólar americano em deterioração
2. Aumento das taxas de juros nos EUA
3. Desemprego sustentado e crônico nos EUA
4. A inflação asiática, especialmente nos alimentos, onde 60% da população asiática a renda disponível é gasta
5. Pressões sobre a fixação das moedas asiáticas
6. Valores em colapso das reservas dos EUA

No final deste processo, o mundo terá sido violentamente catapultado de uma arquitetura financeira que remonta a 70 anos e de um filosofia monetária dominante que prevaleceu ao longo dos séculos. “A eventualidade de uma crise de moeda fiduciária está ordenada e tem sido desde os primeiros alertas em 2007 sobre a crise financeira”, insiste Long. “O roteiro ficou claro para todos que realmente queriam olhar.”

1º de junho de 2011

Lidando com a China

O passo a passo épico de Handle sobre Edward Luttwak sobre a ascensão da China é simplesmente magnífico. Se o establishment da política externa chinesa não colocar isso na lista de estudos, o mundo é um lugar mais perigoso do que precisa ser. Diz coisas impressionantes sobre Luttwak o fato seu trabalho seja capaz de suscitar comentários de tão espantosa qualidade. (Sim, é longo, mas você precisa ler).

Como sinófilo, e até (de forma muito mais reservada) simpatizante do regime pós-Mao da RPC, é perturbador para mim o quão convincente considero esta análise. A China realmente poderia explodir, junto com um grande pedaço da única região verdadeiramente dinâmica do mundo, ao desvirtuar a sua excelente política externa (exatamente da maneira que Handle descreve).

Em particular, a sua capacidade de evitar o curso desastroso da Alemanha antiga em ascensão é a questão mais premente da época, e os sinais até agora são nem remotamente encorajadores. Tendo se cavado desnecessariamente uma armadilha de equilíbrio anti-China cada vez mais

amarga, 2013 parece muito claramente ter sido o pior ano desde o início da reforma e abertura para a tomada de decisões geoestratégicas chinesas.

Reverter o curso é difícil. O importante para os chineses na liderança a entender é que os desafios à hegemonia global são quase inevitavelmente catastróficos. Não houve um único caso em história moderna onde tal transição foi bem-sucedida, exceto através de um estreito alinhamento estratégico com a hegemonia anterior. A Holanda passou a tocha ao Reino Unido, que por sua vez a transmitiu aos Estados Unidos. Se a China prevê um caminho alternativo para si mesma - enraizado no antagonismo básico - está arquivando as lições da modernidade e voltando-se para outra coisa, onde os ciclos antigos se perdem em bancos de nevoeiro do mito. Um precedente histórico tão profundo é demasiado mal compreendido para oferecer qualquer coisa como conselhos úteis. O atávico sentimento popular que desperta, no entanto, é certamente forte o suficiente para levar desenvolvimentos sobre um penhasco.

A hegemonia global dos EUA perdeu o Mandato do Céu. A única maneira como ele poderia arrastá-lo de volta seria através dos erros não forçados de seus inimigos - ou seja, aqueles que cometeram o erro de existir posicionado como seus inimigos. Dadas as tendências atuais, é muito provável que estes erros aconteçam. Isso significaria uma guerra mundial, com tendência natural para a ruína termonuclear, e o fim da civilização. A China estaria acabada como qualquer coisa para além de um aviso quebrado sobre aquilo a que a não submissão ao zeitgeist democrático conduz (tendo feito à sanidade política o que a Alemanha fez ao bio-realismo). Através deste clímax de idiotice, a espécie humana ter-se-ia melodramaticamente desqualificado de qualquer agência histórica significativa no futuro. A robótica militar (também conhecida como "Skynet", emergente da guerra) seria a única perspectiva inteligente que restaria

20 de dezembro de 2013

Leninismo de Mercado

Os ocidentais confusos, que se perguntam como é que as iniciativas políticas quase maoístas da liderança de Xi-Li se coadunam com o seu empenho na reforma económica, verão os seus dilemas resolvidos pela excelente análise de Zachary Keck em *The Diplomat*. Independentemente das suposições liberais em contrário, a aplicação da disciplina do Partido Central nos feudos regionais da China está estreitamente alinhada com a agenda de reformas. (O realismo a este respeito é reforçado pelo reconhecimento de que a liberalização autoritária é o único tipo de liberalização que alguma vez existiu, em qualquer lugar). A autoridade de Xi e do Partido central sobre os líderes locais determinará em grande medida o âmbito e a extensão das reformas económicas que a China empreenderá nos próximos anos. Xi e Li deixaram claro que compreendem a natureza das reformas de que a China necessita para sustentar o crescimento.

A sua capacidade de atuar com base neste entendimento é uma questão completamente diferente. Embora enfrentem uma forte resistência de muitos segmentos da sociedade, os líderes locais são notáveis pelo facto de estarem envolvidos em quase todas as principais áreas de reforma. [...] Assim, ultrapassar a resistência do governo local será uma parte crucial da capacidade de Xi para levar a cabo as reformas económicas necessárias. Xi e os dirigentes centrais parecem compreender este facto, dado o seu esforço de um ano para consolidar o seu controlo sobre os dirigentes provinciais e outros dirigentes locais.

(O artigo completo é excelente - leia-o na íntegra).

13 de novembro de 2013

VIAGENS DE NICK LAND NO OESTE

O verdadeiro trabalho (remunerado) chama-me. Nos últimos dias de março (e no dia 1 de abril), vou estar "ausente" numa viagem de investigação a Kashgar (Xinjiang). Se a conectividade não for um problema, "ausente" pode não significar muito do ponto de vista do ciberespaço, mas espero pelo menos uma perturbação moderada (muito provavelmente exacerbada por distrações étnicas coloridas e torrentes horríveis de baijiu). Se alguém tiver perguntas sobre Kashgar ou informações a oferecer, farei o meu melhor para responder às minhas investigações. (Não estou a pensar usar este blog como plataforma para material sobre Xinjiang, mas isso não é um compromisso dogmático, se houver algum interesse no assunto). [Este pequeno perfil de Kashgar, de Ron Gluckman, tem mais de uma década - será interessante ver como ficou atualizado].

ADICIONADO: Se as principais coisas que procura na vida são a intoxicação alcoólica, o café e uma boa ligação à Internet, Kashgar não pode - com toda a honestidade - ser recomendado. Do lado positivo do livro de registros, resta muito mais da velha Kashgar do que a primeira aparência sugere (a Otangboyi Road é o local a visitar, seguindo passando pela Mesquita Idkar até ao mercado noturno). A cultura comercial da Rota da Seda continua a prosperar, atingindo um ponto verdadeiramente delirante no Grande Bazar, que transborda de mercadorias sensacionais provenientes de milhares de quilómetros. O chá é delicioso - um chá preto condimentado, bebido sem leite, mas com um toque distinto de chai indiano. O mesmo se passa com o iogurte (tão espesso como o queijo creme, com um fio afiado) e, claro, com tudo o que de delicioso se pode fazer com uma ovelha morta sem deixar de ser haram.

É difícil determinar o equilíbrio étnico, mas é pelo menos predominantemente uigur (já vi números entre 70-85%). Não há indícios óbvios de tensão social, parecendo que toda a gente vive a sua vida sem atritos, nem sinais que eu tenha detectado de paranoia Han a nível das ruas. As mulheres chinesas da etnia Han circulam sozinhas pelas ruas, com exceção das crianças pequenas, parecendo perfeitamente descontraídas em relação ao ambiente social e sem se preocuparem com qualquer perspectiva de violência. O nosso grupo (dois han, um búlgaro, um britânico e

um guia governamental uigur - que é excelente, aliás) só encontrou simpatia, muitas vezes combinada com esforços impressionantes para nos vender coisas.

Há que dizer, no entanto, que a propaganda governamental é chocantemente grosseira. Por exemplo, uma nota na mesquita de Idkah, depois de explicar a história dos esforços de renovação do PCC, explica de forma útil:

“Tudo isto mostra plenamente que o governo chinês presta sempre especial atenção à política religiosa do país é acolhida calorosamente por todos os grupos étnicos. A política religiosa das partes é muito bem acolhida por todos os grupos étnicos, o que demonstra também que os diferentes grupos étnicos estabeleceram uma relação estreita de igualdade, unidade e ajuda mútua e que a liberdade de crença é protegida. Todos os grupos étnicos vivem juntos de forma amigável. Cooperam na construção de uma bela pátria, apoiam calorosamente a unidade dos diferentes grupos étnicos e a unidade do nosso país e opõem-se ao separatismo étnico e às actividades religiosas ilegais.”

Talvez soe melhor em uighur.

Claro que, no fim de contas, sou um apologista do regime. O Afeganistão e o Paquistão estão mesmo aqui ao lado, cada um a demonstrar, à sua maneira, as maravilhas da auto-afirmação etnodemocrática.

27 de março de 2013